

O DIÁRIO SECRETO

Alex Swander Martins da Silva
swander.swander@gmail.com

Existe uma breve fagulha que paira entre o *sagrado* e o *profano*. Entender o limiar de interseção que há entre eles é uma questão de inserção contextual. Tomemos por exemplo um símbolo muito presente no mundo: **duas divisas com o ápice voltado para cima**. Se vistas em um uniforme militar, representam a patente de Cabo. No universo automobilístico são o logotipo da corporação Citroën. Já no contexto esotérico, o símbolo em questão é uma dupla exaltação do falo, tendo uma conotação proativa e de polaridade positiva. Triquetra – símbolo sagrado de origem celta: o laço sem fim, o eterno recomeço. Aqui, reforçado pela presença da lua tríplice: nova (a donzela), cheia (a mãe) e minguante (a anciã). Durante a vigência da igreja católica primitiva, o símbolo em questão foi assimilado e, por via do sincretismo, passou a designar a Santíssima Trindade. Esse mesmo símbolo adquire uma conotação profana ao ser utilizado como logotipo de uma empresa. A título de exemplo, o grupo Unibanco repaginou o referido símbolo concedendo-lhe formas mais arredondadas. Outra empresa que também o fez é a Mitsubishi. Esta, por sua vez, optando por uma simetria mais geométrica, daí os três losangos.